

Constituição da Subjetividade: um estudo da negação no discurso do neurótico e do psicótico¹

Margareth Schäffer²

Valdir Flores

Leci Borges Barbisan

Terezinha Marlene Lopes Teixeira

Francisco Franke Settineri

Mônica Nóbrega

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- IBAÑOS, Ana Maria T. (Coord.).
Cadernos de Trabalho do DLE. 1999, 140 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail edipucrs@pucrs.br

Fone/Fax: (051) 320.3523 Ramal 3523

1 - Introdução

Neste texto³, proponho-me a apresentar os resultados de pesquisa sobre a constituição de sujeitos neuróticos e psicóticos

¹ A discussão apresentada neste artigo é resultante de uma pesquisa realizada entre os anos de 1995 e 1998, sob o título original *O processo de construção da subjetividade: marcas linguísticas no discurso do neurótico e do psicótico*. Foi uma pesquisa de cunho interinstitucional, que contou com apoio financeiro do CNPq e integrou os seguintes pesquisadores: Dra. Margareth Schäffer - UFRGS; Coordenadora da Pesquisa; Dra. Leci Borges Barbisan - PUC/RS; Dr. Valdir Flores - UFRGS; Dra. Marlene Teixeira; Doutorando Francisco Franke Settineri - PUC/RS e Associação Psicanalítica de Porto Alegre/APPOA; Doutoranda Mônica Nobrega - UFPB/PB e PUC/RS e Cristina Ostermann - Bolsista de IC da UFRGS.

² Margareth Schäffer é Doutora em Psicologia da Educação, pesquisadora do CNPq e Professora Titular da Faculdade de Educação da UFRGS. Coordenou a pesquisa cujos resultados são apresentados neste artigo, bem como reestruturou e reescreveu o relatório técnico para fins de publicação. Tal reescrita implicou a realização de cortes no texto original, bem como alguns acréscimos, os quais são de sua inteira responsabilidade. A apresentação da filiação dos demais pesquisadores encontra-se descrita na nota 1. E-mail: marga@edu.ufrgs.br

³ Este texto baseia-se no relatório de pesquisa apresentado ao CNPq em julho/1998. Desse modo, todas as discussões aqui apresentadas devem seu

a partir da análise de uma marca lingüística específica - o não sob a forma de denegação. A partir de uma hipótese geral - a articulação dos processos enunciativos e psicanalíticos constituem um referencial teórico que permite estudar os discursos do neurótico e do psicótico -, delineamos algumas questões específicas para nortear o trabalho de pesquisa. Tais questões dizem respeito à possibilidade de, por um lado, realizar uma descrição das negações, na língua, como indicadores de divisão do sujeito e, por outro lado, construir um modelo de análise que permita estudar a base comum entre a negação na Lingüística e a estrutura da negação na Psicanálise.

Partimos do pressuposto de que a negação é uma marca enunciativa que tem base comum na Lingüística e na Psicanálise⁴, sendo que o efeito de sentido propiciado pela presença da negação no discurso aponta para a divisão do sujeito na neurose e para a alteração da função simbólica na psicose. Provavelmente, em decorrência dessa alteração, a negação no discurso do psicótico assume diferentes efeitos de sentido. As bases teóricas - Lingüística e Psicanálise - utilizadas para a análise do corpus acima referido sofreram deslocamento e ampliação. Tal situação é tributária, em primeiro lugar, da complexidade das teorias envolvidas e, em segundo lugar, da novidade que tal pesquisa apresenta. Devido a essa complexidade é que passo a

mérito aos pesquisadores integrantes da pesquisa. Como Coordenadora, coube-me a tarefa de organizar essa discussão em forma de artigo.

⁴ "A escolha da articulação entre a lingüística enunciativa e a psicanálise freudolaciana deu-se em função de que ambas, apesar da especificidade de seus objetos, elegem a linguagem como elemento fundamental para a constituição da subjetividade. Soma-se a isso o fato de que pesquisas recentes, em Lingüística, enfocam com prioridade essa articulação, a exemplo dos trabalhos de Authier-Revuz (1990-1995), Henry (1993), Arrivé (1994), Milner (1987), Pêcheux e Fuchs (1993). No que diz respeito ao Corpus, tal escolha deveu-se ao caráter transdisciplinar desta pesquisa, sendo que os resultados obtidos trouxeram contribuições tanto para a Lingüística como para a Psicanálise. Finalmente, a articulação teórica também encontrou justificativa no fato de existir na PUC/RS - sede desta pesquisa - um grupo de Análise de Discurso cujo trabalho recentemente concluído sobre a presença do outro no discurso pedagógico sinaliza para que se busque em conceitos psicanalíticos elementos para uma ampliação do escopo de análise da linguagem." In: SCHÄFFER, Margareth et alii. *O processo de construção da subjetividade: marcas lingüísticas no discurso do neurótico e do psicótico* - Relatório técnico de pesquisa. - Porto Alegre: UFRGS, 1998.

discutir, antes de analisar os resultados da pesquisa, a necessidade e natureza da relação entre Lingüística e Psicanálise⁵.

2. Diálogos transdisciplinares: necessidade e natureza da relação entre Lingüística e Psicanálise

As articulações que deram origem ao desenvolvimento desta pesquisa aconteceram em dois níveis: no nível pessoal e que diz respeito à diversidade de perspectivas teóricas dos pesquisadores integrantes⁶; no nível teórico-metodológico e que diz respeito à especificidade das teorias em questão. É este segundo nível que passo a discutir.

As reflexões que seguem estão situadas no limite intercalar da Lingüística e da Psicanálise. No entanto, pensar tal região não é uma tarefa fácil, nem pacífica. Acreditamos que, ao menos como princípio de pesquisa, a polêmica deve ser instaurada e, em função disso, a seguir, tentaremos justificar a pertinência deste trabalho, argumentando sobre a *necessidade* e a *natureza* da relação entre essas duas áreas⁷.

Em um sentido mais geral, operar na fronteira de duas disciplinas, de forma a construir problemáticas que proporcionem uma interlocução, proporciona a renovação e ampliação dos campos disciplinares. Entretanto, poder-se-ia perguntar até que ponto é possível a extensão do campo de uma dada disciplina a um outro campo? Os resultados desta pesquisa indicaram possibilidades bastante promissoras, já que a interlocução procurou se pautar, não por transposições aleatórias e comparativas, mas sim pelo problema escolhido - no caso, o estudo da negação. É a escolha do problema que impõe a interlocução entre os campos, permitindo, assim, a construção de problemá-

⁵ Entretanto, devemos respeitar, na articulação entre a Lingüística e a Psicanálise, a diversidade das patologias em questão - neuroses e psicoses - e os fenômenos enunciativos daí decorrentes. Assim, nesta pesquisa, a Lingüística que dá conta de analisar o fenômeno da negação nas neuroses não é a mesma que dá conta de analisar tal fenômeno nas psicoses.

⁶ Lingüistas, Analistas de Discurso, Psicanalistas, Educadores (Vide Schäffer (1998) - Relatório Técnico de pesquisa).

⁷ Algumas reflexões que integram o item 2 são resultantes das discussões empreendidas por FLORES, Valdir. *Lingüística e Psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ticas que vão originar a produção de novos conceitos e a substituição de conhecimentos inéditos. Ultrapassa-se, então, o limite forçado que a interdisciplinaridade impõe - investigar um fato a partir da importação de conceitos de uma teoria à outra - e se procura chegar aos **diálogos transdisciplinares**.

Em um sentido mais específico, o interesse da Psicanálise pelo fenômeno da linguagem está colocado desde os primeiros textos de Freud⁸. A possibilidade de pensar a relação entre Psicanálise e Lingüística é, no entanto, posterior; dá-se quando Lacan incorpora contribuições de Saussure e Jakobson à leitura do texto freudiano que empreende.

Da parte da Psicanálise, soa como natural a relação com a ciência da linguagem, uma vez que é por essa que ela pode cercar seu objeto. Em contrapartida, a Lingüística recebeu poucas influências diretas da Psicanálise, sendo ainda nebulosa a contribuição que tal apelo possa lhe trazer.

É preciso destacar também que as referências de Lacan à Lingüística se dão no âmbito de sua vertente estrutural, da qual ele faz uma leitura bem particular: o Significante lacaniano, o qual segue uma ordem de elaboração que se distancia do significante saussuriano. Essas referências representam o ponto para onde invariavelmente retornam teóricos de uma e de outra área - não sem equívocos. Depois de Lacan, parece não haver um avanço significativo, justificando o diálogo entre os dois campos, tanto no que tange à clínica, em Psicanálise, ou à análise da linguagem, em Lingüística. Além disso, a implicação Psicanálise/Lingüística não se dá sem riscos para uma e para outra. No caso da Lingüística, operam-se, salvo raras exceções, simplificações e reducionismos no emprego de conceitos trazidos da Psicanálise, que não contribuem para explicitar as relações entre essas duas áreas do saber; no caso da Psicanálise, ao empregar conceitos lingüísticos, a situação, muitas vezes, é similar. O que parecia, então, ser um frutífero encontro vem apresentando dificuldades para se efetivar.

Admitir a possibilidade desta relação levanta, de saída, duas questões: a primeira diz respeito à necessidade de real-

mente estabelecê-la; a segunda problematiza a natureza dessa relação.

O fato de que se tenha tornado freqüente recorrer aos conceitos psicanalíticos em várias disciplinas das chamadas Ciências Humanas e Sociais não deve nos eximir de requisitar uma justificativa, no plano epistemológico, deste recurso. Tentaremos marcar uma posição sobre isso! No entanto, vale lembrar que a Lingüística quando pensada em relação à Psicanálise, necessariamente, deve rever sua concepção de ciência e de objeto. Em função disso, achamos prudente definir qual Lingüística interessa para os objetivos desta pesquisa.

Ao dizermos "Lingüística" estamos supondo a unidade de um referente. No entanto, sob esse título, e não sem direito, estão teorias bastante diferentes. Na perspectiva da lingüística estrutural imanentista e da lingüística transformacional, não há como pensar a intervenção da Psicanálise, pois tal influência abalaria o fundamento em que se assenta a cientificidade da Lingüística - o objeto língua (no caso do estruturalismo) e a competência cognitiva inata do falante (no caso do gerativismo-transformacional) - desembaraçado do contingente, do singular.

É a Lingüística mais recente que, em diferentes linhas, tem se voltado para a Psicanálise em busca de uma abordagem do sujeito e do sentido menos comprometida com a exclusão. O ponto crucial do chamamento que a Lingüística faz à Psicanálise diz respeito então ao sujeito e ao sentido. É neste aspecto que nos deteremos agora. Para isso, lembramos J. C. Milner em seu livro *O Amor da Língua*. Nessa obra, o autor argumenta que, ao tratar de determinados segmentos lingüísticos (que não se saberia descrever sem a intervenção do sujeito), em especial a conhecida referência lacaniana ao "ne" expletivo, a ele acrescentando-se os casos das pragas, insultos, discursos indiretos - diz que *em todos esses casos, pode-se levantar dados de impossível, cuja explicação exige que se recorra não mais a um sujeito falante, simétrizável e não desejante, mas a um sujeito da enunciação, capaz de desejo e não simétrizável* (Milner, 1987:29).

O que significa incluir na análise lingüística uma concepção de sujeito em consonância com o que diz Milner? Trata-se de subverter algumas interpretações clássicas do esquema da enunciação em que são priorizadas as relações entre um "eu" e

⁸ Uma análise apurada sobre as relações entre Lingüística e Psicanálise pode ser encontrada na obra de FLORES (1999).

um "tu", concebidos como unidades transcendentais, dotadas de intenção, que se revelariam dentro de um determinado número de informações veiculadas nesse diálogo simétrico, para pensar a relação eu/tu na língua como um efeito necessário, mas que diz de uma "não-simbolização" por parte desse sujeito. Exige-se, deste modo, que o dito seja mais do que simples trocas informacionais. Isso pode configurar-se em um caminho para a lingüística rever o tratamento do sentido, tanto no que concerne à literalização da palavra como da unidade do sujeito confrontada ao sistema da língua - o que já é suficiente para falar da *necessidade* da relação entre Lingüística e Psicanálise.

Do lado da psicanálise, a perspectiva que um estudo desse tipo apresenta é a de desenvolver uma reflexão subsidiária para a compreensão do trabalho clínico. Nesta pesquisa, tentamos avaliar, para as duas áreas, as implicações decorrentes da articulação: para a Lingüística, uma "outra" análise semântica de "outros" dizeres (os do neurótico e os do psicótico); para a Psicanálise, uma "outra" compreensão do trabalho clínico para os "mesmos" dizeres.

Na linha que estamos sugerindo, a unicidade lingüística (já tão detalhadamente estudada pela filosofia analítica, em suas mais diferentes vertentes, e pelas teorias da enunciação) percebida pela marcação desse sujeito com recursos dados pelo próprio sistema não passaria de uma forma a partir da qual o lingüista operaria uma análise do sentido de um dito desejante, porque de um sujeito desejante. Ver o sentido nesses termos é percebê-lo como uma falha que impõe a toda enunciação o seu reverso de não-um.

Assim, as duas questões que formulamos antes, ou seja, da *natureza* e da *necessidade* da relação entre Lingüística e Psicanálise, poderiam ser interpretadas em torno do eixo sujeito/sentido. Com isso, algumas crenças, entre as quais a de que o sentido é produzido como um conjunto intencional de informações, ficariam seriamente abaladas, ao mesmo tempo em que se ampliaria o escopo da semântica.

A articulação entre Psicanálise e Lingüística requer que a última reveja suas bases, que se justifique como um lugar do saber, em que vemos a marca de um ausente, de um não-dito que requer existência, pois o fato de negar a não-totalidade ace-

na para ela própria pelo ato mesmo de negá-la. Pensar a relação do *não-um* com o *um* fundante da Lingüística tem, então, implicações sobre sua epistemologia.

É problematizando o estatuto do sujeito e do sentido na Lingüística, dentro do que se convencionou chamar de limites científicos, que podem ser estabelecidas as hipóteses que autorizam o recurso ao exterior desse campo disciplinar. Quando são formuladas as bases epistemológicas sobre as quais se estabelece uma determinada área do saber, é-se levado a reconhecer-lhes os limites que, se considerados para uma descrição, ou deslizam para um campo diverso daquele pretendido (e por isso são geralmente ignorados) ou possibilitam uma reflexão desse campo sobre ele mesmo. Acreditamos nesta segunda via para a Lingüística, ou seja, ao se reconhecer os seus limites, reconhece-se ao mesmo tempo, o que dela se exclui. Entretanto, isso não impede o retorno do excluído à teoria excludente. Aquilo que não é contemplado por um saber, não está fora da coisa estudada.

A intervenção de um sujeito de enunciação discursivamente não simetrizável instaura dentro do discurso uma heterogeneidade de outra natureza, cuja conseqüência é a percepção de um efeito enganador na linguagem, capaz de invocar a "mentira" como garantia de "verdade" na qual o sujeito subsiste. Redimensiona-se, desse modo, a questão do sentido na Lingüística, e a relação da linguagem com as patologias, na Psicanálise. É como se o lingüista perdesse a fé no dito, e não tomasse o que aparece no discurso como reflexo fiel. É como se o psicanalista passasse a acreditar mais no que ouve, porque reconheceria nesse dito o processo lingüístico da significação e até mesmo o sentido da significação nenhuma (o que ficou fora do processo de simbolização).

Para melhor entendermos, tanto os redimensionamentos acima referidos, como as análises do Corpus, faz-se necessário aprofundar o modo como a Lingüística e a Psicanálise se articulam para poder explicar como funciona a negação no discurso do neurótico e do psicótico. Tal aprofundamento foi realiza-

do pelo grupo de pesquisa⁹, sendo aqui apresentados somente os encaminhamentos decorrentes deste estudo.

3. Elementos de Lingüística e Psicanálise: a especificidade do discurso na neurose e na psicose

Tal como já nos referimos anteriormente¹⁰, a Lingüística que dá conta de analisar o fenômeno da negação nas neuroses não é a mesma que dá conta de analisar tal fenômeno nas psicoses. Assim, para a análise das negações na neurose, nossa escolha recaiu sobre os pressupostos teóricos da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot¹¹. Essa preferência justifica-se pelo fato de que se trata de uma reflexão enunciativa sobre a linguagem que se ocupa da definição do locutor, produtor de fala, e de enunciadores, e que também explica a negação sob esse enfoque. Embora a Psicanálise aborde a questão do sujeito sob outra perspectiva, a investigação ducrotiana sobre a linguagem traz luzes à análise do nosso objeto de estudo - os discursos de neuróticos e de psicóticos, como se verá nas discussões que se seguem.

Para proceder à análise das negações na psicose, realizamos estudos sobre a estrutura do signo lingüístico a partir da Lingüística clássica estrutural de Ferdinand Saussure, bem como sobre a pertinência da dimensão referencial da linguagem e o seu estatuto numa teoria Lingüística, através das seguintes abordagens: a teoria fregeana do sentido, a teoria das descrições definidas de Russel e a abordagem clássica de Ullmann¹². A pertinência destas abordagens para a análise da ne-

⁹ Vide SCHÄFFER (1998) - Relatório Técnico da pesquisa.

¹⁰ Vide nota 6.

¹¹ Consta do Relatório técnico de pesquisa (SCHÄFFER, 1998) o percurso que Ducrot realizou nos seus estudos sobre a negação, desde *La preuve et le dire* (1973), passando por *Dire et ne pas dire* (1972), pela concepção polifônica da enunciação: *Les mots du discours* (1980), *Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation* (1984) e as conferências feitas na Universidade de Cali (1988) e chegando a teoria dos topoi argumentativos, tal como foi formulada por Ducrot em 1989. Devemos à Dra. Leci B. Barbisan e à Dra. Marlene Teixeira a excelente leitura deste percurso, o qual faz parte da totalidade do relatório.

¹² Este percurso sobre importantes autores que estudam a linguagem e o estatuto do referente foi muito analisado pelo Dr. Valdir Flores. A integralidade do referido estudo consta no Relatório técnico de pesquisa (SCHÄFFER, 1998).

gação no discurso do psicótico diz respeito, por um lado, à tentativa de melhor entendermos a constituição do signo na fala do psicótico e, por outro lado, a análise de como, neste discurso, o processo representacional do sinal/referente é ignorado.

Neste trabalho, não detalharemos exaustivamente os fundamentos teóricos¹³ - quer da Psicanálise, quer da Lingüística - que serviram de suporte à pesquisa. Procuraremos, de outra forma, trabalhar tais fundamentos já na própria análise do Corpus e, sempre que necessário, remeteremos, em notas de rodapé, às teorias de base. Entretanto, consideramos necessário, para maior clareza do leitor, situar alguns encaminhamentos que realizamos para proceder à análise do Corpus. Tais encaminhamentos dizem respeito, concomitantemente, aos pontos de vista Lingüístico e Psicanalítico acerca da situação da negação na neurose e na psicose. É o que passaremos a discutir.

3.1 A negação na constituição do sujeito neurótico a partir da Lingüística e da Psicanálise

Poderíamos dizer, de uma forma bastante resumida que Ducrot, ao longo de seus estudos, distingue três tipos de negação - a descritiva, a metalingüística e a polêmica -, vendo-as sob diferentes perspectivas: lógica, da filosofia da linguagem, lingüística, argumentativa, polifônica, dos *topoi*. O detalhamento destas perspectivas, tal como já afirmamos anteriormente, não será objeto deste artigo. Entretanto, cabe assinalar que dentre estes tipos de negação interessa-nos, particularmente, a negação polêmica. A negação polêmica se assemelha à denegação (formulação freudiana). Entendemos que a denegação é um caso particular da negação polêmica, mas que nem toda negação polêmica é uma denegação. Para um melhor entendimento da afirmação acima, passaremos a analisar teoricamente a denegação do ponto de vista, tanto da Lingüística, como da Psicanálise.

Na base de todas as considerações sobre o problema das relações entre inconsciente e linguagem, situa-se a discussão

¹³ Os fundamentos teóricos advindos, tanto da Lingüística como da Psicanálise, constituem, aproximadamente, 60 páginas do relatório. Neste sentido, optou-se por trabalhar tais fundamentos integrados já a análise do Corpus.

freudiana sobre a negação, exposta em 1925 (*A Negação*)¹⁴. Nesse artigo, Freud, analisando uma situação clínica, onde se tratava da interpretação de um sonho, expõe sua idéia de que a negação permite uma certa enunciação do conteúdo recalçado, atribuindo-o a seu interlocutor. Esboça-se, neste momento, uma posição subjetiva, onde o enunciador atribui a si mesmo o enunciado negativo, situando o interlocutor na posição de possivelmente abraçar a idéia oposta.

Para Andrès (1993), haveria um paralelismo entre negação e enunciação, pelo fato do sujeito receber do outro a mensagem que emite; a mensagem emitida é tomada emprestada de uma alteridade, que podemos situar na cultura, na ideologia ou simplesmente nas outras pessoas; quando nega uma proposição, o sujeito a está igualmente atribuindo a uma alteridade, está admitindo sua existência.

Para Freud (op. cit), é a criação do símbolo da negação que torna possível a operação de juízo, ao permitir um certo grau de independência em relação ao recalque. Pode-se falar de um conteúdo, sem concordar com ele, e o atribuindo a outros, projetivamente. E, ao fazer assim, o sujeito dispõe a si mesmo e à alteridade em posições relativas diferentes, em relação ao que foi enunciado, mantendo-se, deste modo, na beira de uma manifestação inconsciente.

Na denegação, pois, nega-se e diz-se. Através do símbolo da negação (a marca registrada do recalque, segundo Freud), o eu se libertaria das exigências do recalque, podendo ser manifestado o conteúdo recalçado. Todavia, o próprio Freud procurou, mais tarde, ultrapassar essa noção de um eu unificado, que se valeria da negação, entre outras coisas, para aceder ao pensamento simbólico, para colocar (ou recolocar) a idéia de um eu clivado, dividido.

No caso clássico descrito por Freud, do paciente que associava uma figura do sonho, e enunciava que ... *não é minha mãe*, poderia ser aplicada a seguinte análise. O locutor, no caso, está identificado com a pessoa do paciente. Entretanto, há dois enunciadores, como propõe Ducrot (1980), para todas as negações: um do enunciado negativo ("*não é minha mãe*"), e outro

do enunciado afirmativo (*é minha mãe*). É fácil identificar o enunciador da negação com o locutor, da mesma forma que o enunciador da afirmação seria atribuído, pelo próprio paciente, a Freud: *Você me pergunta quem pode ser a pessoa do sonho. Não é minha mãe.*

Não é o que você está pensando, não é minha mãe: o conteúdo do recalque é atribuído ao outro, o que não impede que esse outro enunciador participe do enunciado. Está exemplificado aqui o conceito de polifonia de Ducrot, que procura ultrapassar a idéia de que há um único enunciador, em um enunciado.

O próprio Freud, a respeito do caso Hans, já havia pre-nunciado a idéia de polifonia, ao qualificar um enunciado seu como o produto de duas partes de um eu clivado, uma que aceita e outra que nega a ausência de pênis na mulher. Só que essas "partes" eram depreendidas, na clínica, de elementos do discurso dos pacientes, e, por outro lado, por condutas ou atitudes diferentes e opostas em relação à mesma questão, como se pode observar nos casos clínicos do pequeno Hans e do homem dos Lobos.

Temos, na denegação, que o conteúdo recalçado aparece no enunciado como *implícito* (*no sentido do locutor nele não se reconhecer*), e *atribuído a um outro*.

Há o que Hyppolite (1956) chama de *atitude de negação* que diferencia a denegação (a *Verneinung* de Freud) das negações em geral:

Creio que, ao longo desse texto, será preciso distinguir entre a negação interna ao juízo e a atitude da negação: pois de outra forma isso não me parece compreensível.(p.30).

Chemama (s/d) também insiste nesse sentido, ao afirmar que na denegação, o analisante não deixa de supor que o analista poderia afirmar aquilo que ele está negando. Entretanto, discorda da interpretação que vê no conteúdo negado a *verdade* do inconsciente. Para Chemama, tanto o juízo negado como o correspondente na forma positiva corresponderiam ao desejo do sujeito. Este se valeria da denegação pelo fato de ser a única maneira que tinha para exprimir algo de seu desejo. Desejo sempre ambivalente, na concepção lacaniana.

¹⁴ Devemos as reflexões acerca da denegação ao criterioso trabalho realizado pelo doutorando e psicanalista Francisco Franke Settineri.

Conforme M. Andrès, a negação consiste em querer eliminar o significante do Outro, mas ela o afirma, ao mesmo tempo como letra do sujeito; no fundo, a negação confirma que o significante provém do Outro, de um algures, o que permite que Lacan a situe como borda da manifestação inconsciente (...). (1993, p.265).

Ducrot considera o caso da denegação, em Freud, como sendo um tipo de negação chamada de polêmica, onde se nega um atributo a uma coisa, atributo que lhe teria sido conferido por um outro. Ora, polemiza-se com alguém, e não seria exato dizer que o *sujeito* toma emprestado o significante ao Outro, mas antes, em suma, que esse Outro, através desse significante, faria parte da articulação que constitui o sujeito.

A conclusão de Freud, dirigida ao paciente (*então, é sua mãe*) entretanto não bastaria para mais do que uma aceitação intelectual, apesar da sua correção, ao apontar o conteúdo recalçado. Hyppolite refere esse fato, em seu Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud (1956), aproximando-o da idéia filosófica da *negação da negação*, que não coincidiria com a afirmação inicial. Mais adiante, afirma que deve-se considerar a negação do juízo atributivo e a negação do juízo de existência como aquém da negação, no momento em que esta aparece em sua função simbólica. No fundo, ainda não há juízo, neste momento de emergência, há um primeiro mito do fora e do dentro...

Tomemos o exemplo de uma de nossas entrevistas com paciente neuróticos, o caso de S.C., de 31 anos, referido-se à pessoa com a qual se relaciona:

"... ele não bebe, não gosta de bebida, nem tem vício, e, mas em compensação tem outras características, né? então ele é uma pessoa que aparentemente se, ele se, ele se aparenta, ele aparenta ser muito forte com as pessoas, mas eu convivendo com ele eu sei que dentro ele é fraco, ele é super sensível até, não é que ele seja fraco, mas ele tem sensibilidade, só que ele nunca consegue demonstrar isso perante o círculo de convivência. Tu olha ele, parece uma rocha, por dentro ele é mole como uma gelatina, né? Agora porque eu não sei, não sei porque isso me atrai, me agrada, ou são sete anos de ...".

Uma característica observada durante a pesquisa foi a de que a frequência das denegações é bastante baixa, não tendo ultrapassado a quantidade de três, em uma única entrevista. Uma análise mais detalhada permite diferenciar a denegação das demais formas de negação na linguagem. Neste exemplo, pudemos identificar as seguintes características:

1. O interlocutor, no caso o analista, é colocado na suposição de poder afirmar que "ele é fraco", sem que tivesse se manifestado anteriormente a respeito. Trata-se de uma atitude de antecipação e projeção.
2. A analisante não quer ser vista como aderindo à afirmação "ele é fraco". Ela não se responsabiliza por essa afirmação.
3. A denegação não deixa de ser uma negação polêmica, na qual se nega um conteúdo atribuído a outrem. Entretanto, é no mesmo tempo em que há essa atribuição que o conteúdo é negado. Não pode ser pensada uma anterioridade lógica, em que o interlocutor já estivesse na posição em que é situado. A denegação inaugura essa possibilidade.

Essa característica diferencia a denegação da negação polêmica em geral. No caso de

Pedro não é inteligente mas estudioso

não se poderia pensar em um interlocutor que não compartilhasse de uma certa admiração pelos resultados de Pedro, que não pudesse concluir pela sua característica de inteligente. Isso não teria sentido.

Esse modo da negação acontecer como (de)negação nas neuroses parece não acontecer nas psicoses. Assim, o modo como a negação age na psicose parece exigir, para fins de análise dos enunciados, outras teorias lingüísticas para além da Ducrotiana. É o que passamos a tratar.

3.2 A negação na constituição do sujeito psicótico a partir da Lingüística e da Psicanálise

Tal como já apresentado no tópico 1, partimos do pressuposto de que, por um lado, o efeito de sentido propiciado pela presença da negação no discurso do psicótico aponta para alterações na constituição da função simbólica e, por outro lado, a negação assume diferentes efeitos de sentido neste discurso. Ao recorrermos à literatura especializada¹⁵ percebemos que, do lado da Psicanálise, são poucas as reflexões que contemplam, no nível lingüístico, a desarticulação do signo identificada no discurso delirante do psicótico; do lado da Lingüística, por não fazer parte de seu objeto o estudo sobre as manifestações linguageiras do psicótico, também não se encontra uma reflexão que dê conta dessas manifestações no que diz respeito à desarticulação do signo acima referida.

Tendo em vista essas limitações teórico-analíticas, a seguir buscaremos, nessas duas áreas, elementos que, ao serem articulados, possibilitem uma reinterpretação da estrutura psicótica, principalmente naquilo que concerne ao fenômeno das negações¹⁶.

Freud (1924) diz que a negação é sempre negação de alguma coisa e pressupõe, pois, uma afirmação (*Bejahung*) prévia, que instale no inconsciente a representação da coisa que é negada. Na psicose, tal negação ultrapassa esse âmbito, já que esta exige a "anulação" ou a "não-ocorrência" da afirmação inicial (desinvestimento das representações de coisa). Desse modo, a

¹⁵ Com exceção de alguns textos, tais como os de Todorov (*S/data*), Novaes (1995) e Leclair (1988).

¹⁶ O percurso realizado nesta pesquisa, em termos de teoria psicanalítica, abordou a constituição do sujeito na especificidade das neuroses e psicoses. Traçamos, baseados em Lacan, um marco distintivo entre ambas as patologias, ou seja: as relações do sujeito com a realidade não são as mesmas na neurose e na psicose. Na especificidade das psicoses, a realidade é provida de um "buraco", que o mundo fantasmático virá preencher. Assim, é com o mundo exterior que, em certo momento, houve ruptura, dilaceração. Procuramos, ainda, ver como a denegação foi tratada, tanto por Freud como por Lacan, procurando, desta forma, analisar como a recusa advém no lugar da negação: é um processo de não aceitação da realidade exterior, no qual o real não pode ser simbolizado - processo cuja resultante provável é uma psicose. A integralidade das reflexões sobre a constituição do sujeito nas psicoses encontram-se referidas em SCHÄFFER (1998) - Relatório técnico de pesquisa.

determinação específica da psicose pode ser formulada respondendo-se à questão: "que mecanismo permite este modo extremo de negação, que não é senão outra faceta do rompimento com a realidade"? (Idem, p.178). Esse modo extremo de negação - recusa da castração -, Freud denominou de "recusa de realidade" (*Verleugnung*). Para Lacan, por um lado, há uma estreita relação entre a denegação (própria do neurótico) e o reaparecimento na ordem puramente intelectual do que não está integrado pelo sujeito; e, de outro, a *Verwerfung* e a alucinação (própria do psicótico), isto é, o reaparecimento no real do que é recusado pelo sujeito. Este fenômeno alucinatório é a história do sujeito no simbólico. Assim, para Lacan, a *Verwerfung* será considerada como rejeição, recusa - forclusão¹⁷ - de um significante. De outro modo dito: há algo que falha na inclusão do sujeito na ordem simbólica, mantendo-se este - o psicótico - numa relação mais estreita com o real do que aquela que um neurótico pode estabelecer.

O que está forcluído é aquilo que não pode advir, pois escapou à simbolização, ou seja: foi forcluído o que inscreve o sujeito na linguagem; todo o processo secundário está comprometido, e o psicótico encontra-se "fora" do discurso. Estar "fora" do discurso significa ficar aprisionado em múltiplas associações que ao sujeito se apresentam, não podendo recalcar as ligações indispensáveis à sua estruturação, porque o próprio sistema originário foi atingido. Desta forma, o significante, que tem a função de ser móvel e substituível, fixa-se em uma significação dada - preso à literalidade da palavra, tomando as palavras pelas coisas; fica surdo à metáfora, ou então parte à deriva em um deslizamento infinito do sentido (por falta de ancoragem em algum significante). Em outros termos, como resultante dessa literalidade, temos o que é denominado como "palavra-coisa" - a palavra colada à "coisa".

¹⁷ Termo que corresponde à *Verwerfung* freudiana. Existe uma forclusão generalizada, que é a forclusão do significante (fixação ou deslizamento infinito) e forclusão do objeto (objeto "a", não separado, não retomado em estruturas como a do fantasma ou do desejo e que mantém em seu horror de real). O que não foi simbolizado reaparece no real e, esse, impensável, retorna de variadas formas.

Fixação ou deslizamento, o resultado parece ser o mesmo: o sujeito em seu advir está incerto, parado; de forma geral, pode-se dizer que o psicótico não completou sua divisão subjetiva. Se na neurose o sujeito nada quer saber dessa divisão, já o psicótico vive em seu corpo e em seu pensamento essa divisão. Leclaire (1988), ao referir-se à desarticulação do signo lingüístico, cujo fenômeno é detectado no discurso do psicótico, nos indica como parece ser mais conveniente ler Freud, quando este aponta para a distinção entre "representação de palavras" e "representação de coisas" como indicadores do funcionamento dos signos por si mesmos (psicose). Vejamos:

"Indiquemos, apenas, nesta nota, como nos parece conveniente ler Freud. Parece que nesse texto, o conceito de palavra está empregado em sua acepção mais corrente (e mais restrita) de "signo". É o termo representação que parece, correlativamente, designar aquilo que o conceito de palavra tem hoje em dia tendência de abarcar, de saber, o significante no sentido saussuriano. A distinção entre "representação de palavra" e "representação de coisa" poderia então ser formulada atualmente de maneira menos ambígua pela oposição entre "palavras-signos" e "palavras-coisas". Convenhamos: no esquizofrenismo, é justamente com as "palavras-coisas" que devemos lidar." (p.144)

Vemos, assim, que Freud, Lacan, bem como outros estudiosos do fenômeno psicótico, remetem para a Lingüística (direta ou indiretamente) a possibilidade de esclarecimento acerca de como funciona o signo na especificidade dessa patologia. Tal situação é que nos leva a dirigir à Lingüística algumas questões acerca do discurso psicótico, quais sejam: qual seria o estatuto de "signo" pertinente ao discurso psicótico? como funciona o processo psicótico quando este toma a palavra pela "coisa", ao invés de fazê-lo como "palavra-signo"? quais deslocamentos a Lingüística teria que fazer para dar conta do modo como opera o signo no discurso do psicótico? enfim, como a Lingüística explicaria a metáfora, por nós utilizada para representar a psicose, "a palavra encontra-se colada à coisa"?

Estudar o funcionamento da negação no discurso do psicótico exige da Lingüística uma reflexão bastante acurada sobre esse processo. A linguagem é estudada, tanto por filósofos

como por lingüistas, sem contemplar os desvios característicos de patologias. Porém, é ao abordar os casos de "falhas" perceptíveis na linguagem que a Psicanálise vai estabelecer o quadro conceitual das psicoses.

Dessa forma, parece um encaminhamento adequado interpretar, em Lingüística, a metáfora "a palavra está colada à coisa" como uma indicação de que se deve investigar o lugar que tem o referente em teoria da linguagem. As conclusões advindas desse percurso¹⁸, se pensadas em relação à psicose, podem sinalizar para um entendimento diferenciado do conceito de língua na psicose.

Com base no percurso teórico por nós realizado - estudo da lingüística estrutural de Ferdinand Saussure e das teorias que estudam a linguagem numa dimensão referencial (Frege, Russel e Ullmann) - pode-se formular a seguinte questão acerca da metáfora "a palavra está colada à coisa": esta diz respeito exatamente a que parte do processo semiótico? Parece que qualquer uma das teorias citadas pode fornecer um tipo de resposta.

Se considerarmos a relação significante/significado como uma necessidade imposta ao signo e se a ligação que este possa vir a ter com a realidade for relegada à ordem do contingente, do arbitrário, tal como interpreta Benveniste, então é adequado dizer que o psicótico subverte o princípio da arbitrariedade do signo lingüístico. Em termos saussurianos, trata-se de "colar" o significante à coisa. Em decorrência disso a "diferença" semântica que se percebe, na fala do psicótico, é um efeito da "desobediência" ao princípio do arbitrário e também, obviamente, da convencionalidade. Neste caso, não seria estranho dizer que, do ponto de vista de uma lingüística do signo saussuriano, a fala do psicótico, já que aparentemente obedece às regras de sintaxe, opera um deslocamento na articulação da dupla paradigma/sintagma¹⁹. É a constituição do signo que é alterada e que se revela sintomática na fala psicótica.

Por outro lado, considerando-se as teorias referenciais, é factível afirmar que o que é "colado" à coisa é o sinal, nos ter-

¹⁸ Tal como já referido em outros momentos, o percurso teórico, em relação às teorias de base, não serão objeto deste trabalho.

¹⁹ Vale lembrar que, em Saussure, a noção de valor somente adquire sentido quando pensada junto às noções de paradigma e sintagma.

mos de Frege, ou o símbolo, nas palavras de Ogden e Richard. Essa subversão poderia ser visualizada em um triângulo que diagramasse de forma contínua a linha que liga os dois ângulos inferiores. Em outras palavras, o psicótico ignora o processo representacional do sinal/referente.

Tais considerações conduzem a formular uma hipótese que deve ser vista como circunscrita ao tipo de corpus estudado nesta pesquisa, qual seja, a hipótese de que a "língua" da psicose é estruturalmente diferente da "língua" estudada por lingüistas, lógicos e filósofos; ou seja, a língua na psicose não pode receber uma interpretação lingüística clássica. A questão que se coloca, a partir disso, é então: como opera a negação nessa "língua"? Não é demais lembrar que já existe um processo de negação intrínseco desde que se admita o que aqui foi dito, isto é, a "língua" da psicose se constitui sobre a recusa da língua que se costuma estudar.

A partir das reflexões estabelecidas até o momento, podemos propor algumas definições que possibilitem estudar o funcionamento da negação no discurso do psicótico, desde que considerados o fenômeno de forclusão, tal como é indicado pela Psicanálise, e o redimensionamento do conceito de língua decorrente da subversão do princípio da arbitrariedade (Saussure), ou da "perda" da dimensão simbólica (Frege; Ullmann; Russel).

Na literatura sobre as Psicoses encontramos indicativos de que há, no discurso do psicótico, uma desarticulação do signo lingüístico, cujas origens são situadas no estabelecimento das negações (*verneinung*) em relação às afirmações (*bejahung*) primordiais. Conseqüentemente, a impossibilidade do estabelecimento do símbolo da negativa (falha no processo de simbolização) resulta no pensamento psicótico, já que o recalque, ou não é realizado, ou o é de forma acidentada. Dessa maneira, no lugar da negação há uma recusa de reconhecer uma realidade desagradável, isto é, há um processo de não aceitação da realidade exterior. O real não pode ser simbolizado adequadamente e o resultado disso pode ser uma psicose.

Quanto ao signo lingüístico, a metáfora "a palavra está colada à coisa" foi interpretada como uma ruptura do princípio da arbitrariedade. Em outras palavras, o psicótico não conserva

o elo arbitrário da relação significante/significado que, na teoria saussuriana, é pautado pela idéia de valor, para operar um deslocamento que liga o significante à coisa. Em função disso, a diferença percebida pela Psicanálise, na atribuição semântica do signo feita pelo psicótico, é uma decorrência, em termos lingüísticos, de uma falha na articulação paradigma/sintagma. A constituição do signo é alterada e percebida na Psicanálise como um sintoma da psicose.

No que diz respeito ao tratamento dado ao referente nas teorias de filiação lógica, também foi identificada uma ruptura. O psicótico não considera a dimensão simbólica/representacional inerente ao sistema triádico sinal/sentido/referente. Nesse caso, o que está "colado" são sinal e referente.

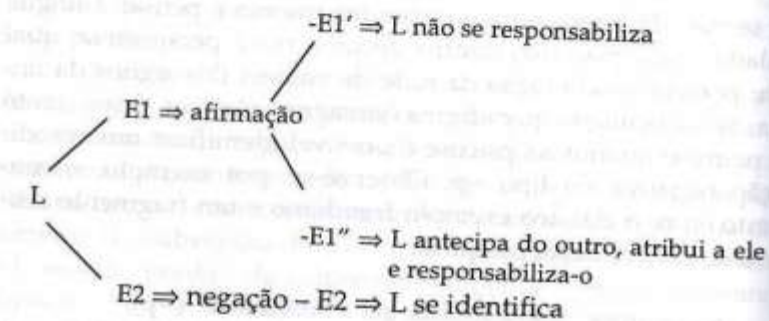
A partir das reflexões feitas e considerando as diferentes teorias da linguagem, o encaminhamento é pensar a língua "falada" pelo psicótico dentro de uma nova perspectiva, qual seja: perceber a alteração da rede de valores dos signos da língua, na articulação paradigma/sintagma. Apesar disso, tanto na neurose quanto na psicose é possível identificar uma predicação negativa do tipo $\sim p$. Observe-se, por exemplo, o confronto entre o clássico exemplo freudiano e um fragmento retirado do corpus desta pesquisa:

- a) na neurose: "não é verdade que é minha mãe" ($\sim p$);
- b) na psicose: "Eu não vou enterrar os dois talentos das crianças....Eu não vou enterrar os dois talentos, eu tenho dois talentos". ($\sim p$) [cf. J.V, sexo masculino, 40 anos - Anexo 4].

Por um lado, a estrutura sintagmática é constituída por uma combinação de valores pouco usual na língua e, por outro lado, ao nível do paradigma altera-se o valor de substituição no sistema, ou seja: "a palavra" na psicose parece ter outro estatuto. Assim, o processo simbólico constitutivo do signo não obedece a nenhum princípio semiótico - nem referencial, nem arbitrário, nem do valor. Isso leva a inferir que a negação, na psicose, também terá um estatuto diferenciado.

A questão que se coloca, portanto, é: como funciona a negação no discurso do psicótico se consideradas as rupturas manifestas ao nível da "palavra"?

Para responder a tal indagação, vale lembrar o que foi dito a respeito da estrutura da denegação na neurose. Em 3, foi afirmado que as enunciações negativas podem ter duas configurações, que serão aqui apresentadas em uma proposição hiperonímica: toda a denegação é uma negação, mas a recíproca não é verdadeira. A diferença entre negação e denegação, se vista a partir da interpretação que fizemos da teoria enunciativa de Ducrot, é que a primeira admite uma multiplicidade polifônica, na qual o locutor "faz ouvir", subjacente à negação (polêmica), uma perspectiva afirmativa atribuída a um enunciador. Ao contrário, na denegação, é colocado em cena um enunciador que "antecipa" o ponto de vista denegado, concomitantemente, à afirmação subjacente. Em termos esquemáticos tem-se:



A diferença percebida entre negação e denegação deve ser remetida à instância enunciativa que define se está em jogo, ou não, o processo de antecipação.

Na psicose, diferentemente do que foi antes apresentado para a neurose, o locutor não coloca em cena o ponto de vista da antecipação, causando um efeito monofônico²⁰. Aquilo que foi interpretado como subversão da arbitrariedade, em Linguística, ou da referencialidade, na Lógica, pode agora ser transposto para o estudo do funcionamento da negação no discurso psicótico.

²⁰ Vale lembrar, não se trata de defender a existência "da monofonia", mas de um "efeito monofônico" produzido na instância enunciativa.

O "não" colocado em relação sintagmática na forma (~p), encontra-se "colado" à "coisa", falha esta perceptível na articulação paradigma/sintagma. A noção de língua que está presente nessa enunciação é, por natureza, diferente daquela mobilizada na neurose, conseqüentemente, a negação que nela se manifesta proporciona outros efeitos. Dentre esses, já é possível falar de pelo menos dois: a ausência da antecipação e o efeito enunciativo de uma monofonia, isto é, o "sujeito" psicótico não estabelece uma relação dialogizada com os enunciadores. Em função disso, observa-se um estranho fenômeno na patologia psicótica: "ele ouve vozes".

As "vozes" ouvidas pelo psicótico não são constitutivas de sua enunciação, mas são realmente "outras vozes" que atestam a desarticulação tanto do signo lingüístico como do próprio corpo não simbolizado. Na estrutura neurótica, a negação se dá sobre um conteúdo de pensamento que é formado pelo signo. Na psicose, a negação incide sobre o próprio ato de pensar, porque o processo de simbolização foi falho, ou seja, a constituição do signo foi "acidentada". Assim, o que o psicótico "diz" não faz signo, apesar de ser sua língua que ele enuncia, o que é uma ambigüidade pois, ao mesmo tempo que se está na língua, está-se fora dela. Assinale-se, porém, que é tal ambigüidade que permite um mínimo de inteligibilidade do dizer psicótico. Eis o retorno da metáfora "a palavra está colada à coisa".

Isso conduz a pensar que, na psicose, algo de primordial não se estabeleceu, o que, em termos psicanalíticos, pode ser entendido como uma ausência de um significante primordial, já que o surgimento de tal significante é indissociável do engendramento do signo lingüístico em sua totalidade. Do lado da Linguística, isso revela-se pela ausência da afirmação subjacente à negação. Desse processo está excluída a antecipação. Em termos esquemáticos tem-se:

L ⇒ negação OU L ⇒ ~

A interpretação desse esquema poderia ser a seguinte: o locutor não faz ouvir uma perspectiva afirmativa E1 subjacente,

mas coloca em cena apenas a negação que incide sobre o próprio ato enunciativo, ou seja, $L = \sim$

A exemplo da neurose, também na psicose é a instância de ocorrência do enunciado que vai estabelecer o movimento da negação. Entretanto, na primeira, ele se constitui como uma multiplicidade de vozes, das quais se identificou, aqui, no mínimo três (E1', E1'' e E2). Na segunda, há um efeito monofônico estabelecido apenas por E2. Trata-se de uma negação destituída de sua função ordenadora dos significantes. Linguisticamente, esse efeito é produto da falha que se dá na instância da articulação paradigma/sintagma, identificada ao nível da relação simbólica do signo lingüístico.

A partir deste momento, os modelos de análise acima referidos serão objeto de uma discussão e aplicação mais detalhadas.

4. A constituição de uma metodologia de análise

A constituição da metodologia de análise do Corpus²¹ viabilizou-se através de estudos feitos sobre a negação nas teorias psicanalítica e lingüística, tal como já referido em vários momentos deste artigo. Esse percurso teórico possibilitou verificar diferentes funcionamentos do mecanismo da negação, conforme seja vista na especificidade das patologias neurótica ou psicótica. Tomamos como princípio que os indicativos freudolacanianos acerca dessas duas patologias são relevantes para emprendermos a busca de interlocução de saberes com a Lin-

²¹ O corpus da neurose constitui-se de cinco (5) entrevistas não-estruturadas realizadas em um serviço universitário de atendimento psicológico. O corpus da psicose constitui-se também de cinco (5) entrevistas não-estruturadas obtidas junto a pacientes internados em uma instituição psiquiátrica. Estas entrevistas, colhidas pelo Psicólogo e Psicanalista Francisco F. Settineri, foram gravadas em cassete e posteriormente transcritas com o auxílio da bolsista de iniciação científica. Nos casos selecionados foi analisado o funcionamento do morfema "não". Procuramos identificar no corpus as formas que correspondem à concepção freudiana da *Verneinung* e confrontamos com a concepção de negação tal como é apresentada por Ducrot, conforme pressupostos teóricos da teoria enunciativa. Vale lembrar que metodologia, tal como entendemos, não pode ser separada da base teórica que lhe dá origem e a sua construção foi um dos objetivos dessa pesquisa.

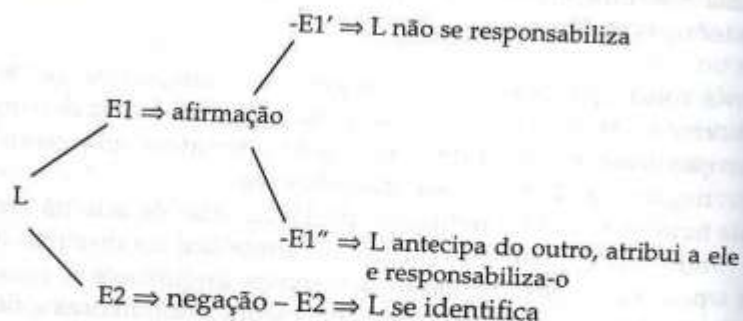
güística, desde que preservadas as bases epistemológicas concernentes a cada área.

Em função dos diferentes funcionamentos da negação acima referidos, fez-se necessário proceder a dois deslocamentos teóricos na Lingüística:

- a) a concepção polifônica da negação na perspectiva de Ducrot foi revista, a fim de dar conta do fenômeno da denegação como um caso de antecipação afirmativa subjacente à negação do locutor (caso das neuroses);
- b) tendo em vista o indicativo da Psicanálise de que há uma falha na constituição da função simbólica no discurso do psicótico - desarticulação dos signos lingüísticos -, fomos levados a rediscutir as principais teorias lingüísticas e filosóficas que tratam do fenômeno do signo (Saussure; Frege; Russel) com o objetivo de descobrirmos qual é a relação do processo semiótico que falha. Verificamos que, sob o ponto de vista das teorias de linha estrutural, o psicótico subverte o princípio da arbitrariedade - ele cola o significante à "coisa" - e a articulação paradigma/sintagma. Enquanto que, sob o ponto de vista das teorias referenciais, o psicótico ignora o processo representacional - sinal/referente. Isso conduziu à conclusão de que a língua, na psicose, tem uma diferença estrutural se contraposta ao objeto de estudo de lógicos e lingüistas. A negação, nessa especificidade, é marcada por essa falha estrutural, o que produz uma diferenciação no funcionamento da negação, se comparada ao das neuroses. Tal diferenciação aparece quando o psicótico, na sua enunciação, apresenta tentativas de realizar o movimento pertinente a denegação, mas não consegue finalizá-lo. Esse "modo diferente" de enunciar a negação é o que nos aponta Lacan, quando afirma "que a denegação parece ser impotente na psicose".

O encaminhamento metodológico para a análise das negações pode ser visualizado da seguinte forma:

1) Na neurose (segundo nosso deslocamento descrito no item a):



2) Na psicose (segundo nosso deslocamento descrito no item b):

$L \Rightarrow \neg$ (NEGAÇÃO)

4.1. Dos critérios de seleção

Ao contrário do que encontramos descrito em algumas obras psicanalíticas, o exame detalhado do corpus de nossa pesquisa possibilita afirmar, hoje, que na psicose há "tentativas" de estabelecimento da denegação. Isso está de acordo com a afirmação de Lacan, quando diz que a denegação parece ser impotente na psicose²². Para a nossa análise, consideraremos as ocorrências que tentam colocar em jogo o processo de antecipação, em uma dada instância enunciativa, não chegando, entretanto, a se efetivar - são "impotentes".

Essa perspectiva corrobora o que dissemos em 3, ou seja, a diferença entre negação e denegação é que a primeira admite a multiplicidade polifônica na qual o locutor coloca em cena uma perspectiva afirmativa atribuída a um enunciador, en-

²² Impotente no sentido de "algo" que não se completa, que é "fraco" em potência, que não pode. No caso da denegação, vale o sentido acima referido, ou seja: uma denegação que não se completa.

quanto que, na segunda, coloca-se um enunciador que antecipa o ponto de vista denegado junto à afirmação subjacente. Dessa forma, admitimos como "tentativas de..." as ocorrências que apresentam estruturas semelhantes à denegação sem, no entanto, constituírem-se pela multiplicidade polifônica.

Em outras palavras, tomamos como unidade de análise do discurso na neurose e na psicose as ocorrências cuja estrutura coloca em jogo o processo de antecipação - realizado ou não -, as quais chamaremos de enunciado.

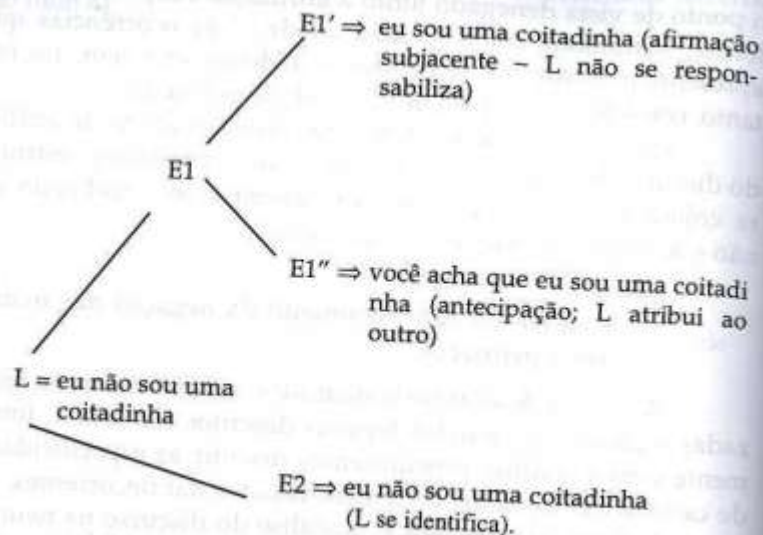
5. Análise do funcionamento da negação nas neuroses e psicoses

A análise dos casos de neurose e de psicose serão realizadas segundo os modelos formais descritos no item 4. Juntamente com a análise, procuraremos discutir as especificidades de cada discurso, bem como as novidades daí decorrentes. Tal como já observado no item 3, a análise do discurso na neurose exige um tratamento lingüístico diferenciado daquele necessário à psicose. Desse modo, a discussão e análise que seguem procuram contemplar essa especificidade dos discursos em questão.

5.1 - A negação como denegação: análise dos casos de neurose

S., 34 ANOS, SEXO FEMININO - ANEXO C

Paciente: "É porque ele diz que mulher como eu tem na lata de lixo, que eu não presto e eu acho que de repente eu tenho essa visão de mim mesmo, porque se tu tá dentro de uma relação que isso te serve, faz parte do meu show tudo isso, então nessa parte eu já consegui assimilar bem que eu não, eu não sou uma coitadinha, eu não sou uma infeliz, eu permito, então eu permito, só que eu não sei se eu gosto dele. Quando eu me separei eu achei que eu não gostasse, no tempo, nos dois anos que nós ficamos separados eu senti que eu gostava dele, e agora eu não sei se minha necessidade é de tudo que ele me diz ou, ou eu gosto dele, ou eu gosto de um casamento que eu vi a minha mãe ser infeliz a vida toda e não se separou."



A análise acima pode ser igualmente feita com o "turno" "eu não sou uma infeliz", que também se configura como uma denegação. A estrutura formal para a análise configura-se da mesma forma que o exemplo anteriormente referido. A hipótese é que o mesmo acontece com todas as denegações encontradas nos discursos dos demais casos de neurose coletados.

O que se pode observar, levando-se em conta o contexto das entrevistas como um todo, é que outras denegações, ou tentativas de denegação, assumem sentido a partir de uma denegação central, que pode ser identificada formalmente. Em certo sentido, poder-se-ia afirmar que há tão-somente uma denegação, já que não se configura, em nenhum caso de neurose analisado, duas denegações sobre temas diferentes.

Essa denegação central incide sobre o ponto de emergência do recalque. Ela acaba por organizar o sentido da entrevista como um todo, ou seja, a irrupção do conteúdo inconsciente, fazendo sua aparição sob a cláusula do sinal da negação - na forma de uma denegação -, organiza o campo de sentido da entrevista inicial com o neurótico. Vejamos alguns casos exemplares dessa situação:

S.C., 31 ANOS, SEXO FEMININO, ANEXO E

"[...] Não sei, não sei, Já pensei sobre isso mas não chego a conclusão nenhuma. É uma maneira, talvez de, por exemplo, o, a pessoa do qual eu me relaciono, ele não, não bebe, não gosta de bebida, não fuma, não têm vício e, mas em compensação tem outras características, né, então ele é uma pessoa aparentemente, ele se, ele se aparenta, ele aparenta ser muito forte com as pessoas, mas eu convivendo com ele eu sei que ele por dentro ele é fraco, ele é super sensível até, não é que ele seja fraco, mas ele tem sensibilidade, só que ele não consegue nunca demonstrar isso perante o círculo de convivência...."

D., 36 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO B

"[...] Drogas não, eu não uso nenhuma droga pesada, por exemplo assim, não chego a ser, não tenho, ahm, não diria que eu tenho um comportam...., ahm, não sou, as drogas pra mim não é um componente de autodestruição, entendeu? Ahm, porque eu não uso cocaína, aham, não, já usei e tal, já tive experiências e tal, já até me piquei e tal, mas acho uma droga, não invisto grana nela, não, gosto eventualmente, entendeu, eu só fumo baura e bebe, mas aí, ahm, ahm, bebo em excesso e me drogo em excesso e vou à busca, ahm, desse prazer, né? E, mas isso me angustia, porque eu acabo gastando muita grana e não tenho compensação,.....".

Deste modo, "eu não sou uma coitadinha", "não que ele seja fraco" e "não é um componente de autodestruição" podem ser considerados como veiculando a demanda de análise, em seu momento inicial.

Em todas as entrevistas com neuróticos, foi encontrada essa denegação, cumprindo as características descritas na análise de S., 34 anos - Anexo C, descritas anteriormente, tanto no que se refere a seus elementos, bem como no que se refere aos aspectos com que se procurou formalizar a questão. A estrutura formal para a análise de todos os casos de denegações encontrados configura-se da mesma forma que o exemplo acima citado.

Em termos psicanalíticos, o material inconsciente surge como negado, e há uma demanda de reconhecimento em direção a essa posição denegatória.

Em termos lingüísticos, isso só é realizado por meio de uma polemização que ao mesmo tempo instaura a possibilidade do interlocutor passar pela posição afirmativa em relação ao material negado. Psicanaliticamente falando, o que é negado passa por vir do outro, quando, na verdade, é do grande Outro que se trata.

Finalmente, tais análises, nos casos de neurose, nos levaram a confirmar o que já estava antecipado em estudos anteriores²³ - o fenômeno da denegação como um caso de antecipação afirmativa subjacente à negação do locutor.

5.2. Ausência ou tentativas de denegação: análise dos casos de psicose

A análise dos casos de psicose aconteceram em dois níveis. Tal divisão foi decorrente do modo como as negações aparecem nesse discurso, ou seja: em dois casos de psicose inexistente a tentativa de denegação, enquanto que nos outros três casos aparece a tentativa de estabelecimento de uma denegação, mesmo que essa não se efetive nos mesmos termos da neurose. Demarcar o aparecimento dessas tentativas constitui um interessante achado para a compreensão do trabalho clínico. Em termos lingüísticos, o procedimento de análise é, então, modificado perante essa especificidade - ausência e/ou tentativa de denegação.

5.2.1 Análise dos casos de Psicose com ausência de tentativa de denegação

E., 29 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO 1

"[...] Sim. Vim pra ver se me aliviava, mas não me adiantou nada. Eles vieram também.[...] Eu não falei nada pra ninguém, não. Minha mãe acha que, que isso não é, não está acontecendo, né. Logo que anda muita polícia lá e ela acha que eles estejam atrás de outra pessoa...."

²³ Refiro-me, aqui, aos nossos estudos sobre a denegação, constantes no Relatório final de pesquisa (SCHÄFFER, 1998).

R., 27 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO 2

"[...] É só em vidro. E em parede também, quando eu fico nervoso. Quebro panela, quebro prato, não quero comer, quando eu não consigo comer eu quebro o prato. Quando eu não consigo. É que eu não consigo por causa dos nervo, né? E não desce, né? Parece que o corpo não ajudou a comer, né? [...] Daí vou nos bailão, tenho amiga, tenho amigo, tomo uma cervejinha, e não posso, né? Não posso mais beber. Metade do meu corpo é epilético. Daí se eu tomo álcool, né? Daí se torna aquela doença, né? É só isso que eu tenho pra falar. [...] Alguma voz eu ouvo. É que eu tinha uma namorada, né?[...] Daí eu ouço aquela voz, né?"

Diferentemente do que verificamos nos casos de neurose, nos casos de psicose acima referidos, não há nem o fenômeno da denegação, nem a tentativa de este ser estabelecido. Em virtude dessa não ocorrência, não podemos aplicar o mesmo modelo formal de análise, criado para analisar a neurose. Nesses casos de psicose o sujeito não faz denegação e o seu "não" é, praticamente, literal. Em outros termos:

L ⇒ ~ (O locutor estabelece uma relação direta com a negação)

Em todos os "turnos" destacados acima percebe-se a estrutura sintagmática canônica da negação (~ p). Na instância enunciativa de ocorrência desses "casos" exemplares, percebe-se também a ausência da antecipação da perspectiva do "outro". É isso que causa o efeito monofônico, ou seja, numa situação "X" o locutor "L", ao enunciar ~ p, recusa o "diálogo" interno comum à asserção negativa.

Isso é um efeito do processo de subversão da função semiótica do signo, examinada no nosso relatório tanto na perspectiva da Lógica, como na da Lingüística. Em ambos os "turnos" acima referidos, percebeu-se, na fala psicótica, uma falha que impede de pensar o signo em uma dimensão referencial ou arbitrária. Assim, dado que o signo, na psicose, não se constitui arbitrariamente e na rede de valores do sistema lingüístico, podemos admitir que a articulação paradigma/sintagma é falha, nesse discurso, porque justamente o estabelecimento do valor do signo no sistema dá-se nessa articulação.

Parece-nos que, em função da falha na constituição signíca, o dizer, nas psicoses, resiste, mostra-se impermeável a qualquer atribuição de sentido que advenha do outro. A contingência do dito parece dar-se fora da relação eu-tu, dando-se em uma relação eu-eles (as vozes que cumprem o papel de interlocutores). Assim, o sujeito fala para alguém, mas um alguém que não está previsto na ordem normal do discurso. (vide R., 27 - anexo 2)

A negação, no contexto de todas essas enunciações, embora tenha uma estrutura aparentemente normal, produz um efeito de estranhamento decorrente da "recusa" de acesso ao simbólico. Essa interpretação, do ponto de vista da Linguística, coincide com o da Psicanálise, quando esta considera que o psicótico forcluiu o "não", já que faltou o operador de recalque, responsável pelo aparecimento do "não" da denegação. Afirmar que o "não" foi forcluído pode provocar, no leitor, um certo estranhamento já que, em termos sintáticos, o "não" é empregado corretamente nos casos acima referidos. Na verdade, o que se constituiu foi a forma da negação, ou seja: o "não" está presente - enquanto forma linguística -, mas seu funcionamento não.

Segundo o ponto de vista da psicanálise, por "ausência" ou falha no processo de recalque, não há denegação no psicótico²⁴: o recalque é a condição de aparição do não da denegação. Essa forclusão da negação é responsável pela clivagem esquizofrênica e pelo estranhamento que percebemos nesses discursos psicóticos.

A "interpretação" da realidade feita pelo psicótico é delirante, dando-nos a imagem de um signo linguístico desarticulado, no qual o sujeito é o único referente e os signos parecem funcionar por si mesmos, não mais uns em relação aos outros. Tal desarticulação parece atestar a desarticulação entre os três registros - simbólico/imaginário/real -, de que nos fala Lacan. Assim, se nem tudo pode ser simbolizado pelo sujeito psicótico, a decorrência desse fato parece ser uma espécie de proliferação imaginária - uma imaginário aterrador, porque não é um ima-

²⁴ A seguir, tentaremos argumentar em favor de um processo que denominamos até então de "tentativa de denegação" que, em nossa opinião, é distinto da ausência de denegação.

ginário da construção de sentidos, mas sim da proliferação desses.

Vejamos, agora, como se dá o discurso psicótico quando nele encontramos tentativas de denegação.

5.2.2 Análise dos casos de psicose com tentativa de denegação

E., 43 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO 3

"[...] (?)...Não quer dizer que a pessoa que tá em benefício não sabe que (?). Aí o que que é. Então por que que eu não ia levar uma garota pra baixo dos meu lençol, num frio daqueles. Não que eu tenha o hábito de tomar cachaça. Daí eu tenho que arranjar mil e uma desculpa que ninguém viu que tava tonto e arranjou uma garota pra ir lá pra baixo do lençol, né? Viu, eu sou criativo pra essas coisas da cachaça, porque não tinha hábito de tomar cachaça..."

J.V., 40 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO 4

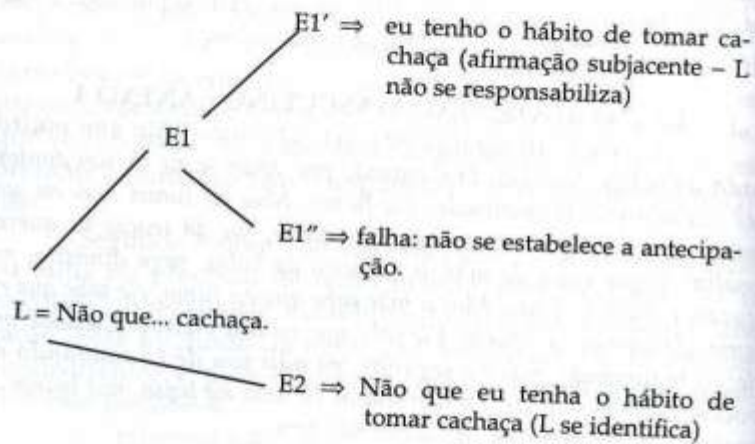
"[...] Tinha 10 paranga de cinco. De cinco. Não sou muito, nada de beber. Não vou tá mentindo pra vocês se eu tô, um doutor, né? Eu não vou tá mentindo. Eu fumei. Mas eu fumei mas eu sou assim: eu sou de fumar e, e não incomodar, me dá reação de querer assaltar, pegar coisa da mãe, o dinheiro da bolsa, pega dinheiro, me atucanar. Não. [...] não. Mas a mãe sabe que eu fumo, ele sabe que eu fumo, ele sabe que eu fumo. Ele sabe que eu sou viciado. Eu disse pra ele: eu tô fumando, mas é o seguinte, eu não sou de tá roubando de vocês. Eu disse pra ele: eu não sou de tá indo na bolsa, nos bolsos de vocês, de se atucanar por causa que não tem..."

F., 29 ANOS, SEXO MASCULINO - ANEXO 5

"[...] Então eu faço aquilo que eu sei, né? E vivo, vou vivendo a vida, né? É isso aí. Não me envolvo com brigas, com problemas, né? Procuo, né? Fugir de problemas.[...] Não, não, não tenho problemas, assim. Não gosto de problemas.[...] não. O doutor falou aí que eu tava bagunçando lá, não sei o quê. É que a mãe inventou uma história aí. Mas não aconteceu. Eu tava, porque eu sou uma pessoa muito quieta, né? Eu não sou de..."

Nesses casos, a instância enunciativa permite inferir que o processo de estabelecimento da multiplicidade das vozes tem

início, no entanto, não chega a se efetivar. Estamos entendendo por instância enunciativa como sendo o contexto imediato de ocorrência do enunciado que releva de uma coerência referencial (temática) e de adequação espaço-temporal. No que diz respeito ao que estamos denominando de tentativa de denegação, percebe-se que o locutor tenta colocar em cena o outro em antecipação. Verifique-se o anexo 3 "*Não que eu tenha o hábito de tomar cachaça*", o qual não está de acordo com a temática que o precede e, conseqüentemente, sua ocorrência espaço-temporal é inadequada, produzindo uma falha na antecipação da voz atribuída ao outro. Essa falha pode ser vista tomando por base o modelo proposto para análise da denegação clássica na neurose:



A diferença que o esquema acima tenta visualizar, em contraposição à neurose e à ausência de denegação nos casos de psicose (anexos 1 e 2) antes estudados, é que, agora, o locutor L não polemiza com alguém ao qual poderia ser antecipada a afirmação subjacente (E1''), mas apenas deixa ouvir uma afirmação pela qual ele não se responsabiliza (E1'). Em outras palavras, poderíamos dizer que, talvez, tenhamos aqui um caso comum de negação polêmica.

Se considerarmos o que foi dito anteriormente, não podemos manter o efeito monofônico como uma característica desses três casos de psicose, porque na instância enunciativa é possível verificar o estabelecimento de uma negação polêmica, o que segundo Ducrot, é um tipo de polifonia. Para nós, o locutor ao recusar o enunciador E1' se aproxima da realização de uma denegação. Análise essa que pode ser estendida aos demais casos aqui apresentados (anexos 4 e 5).

Em termos psicanalíticos, essa insistência de estabelecer uma denegação, mas não conseguir efetivá-la, parece atestar, por parte do psicótico, uma tentativa de simbolização, de amarramento dos significantes que encontram-se desarticulados no seu discurso. Apesar de já termos ressaltado essa desarticulação várias vezes nesse texto, é na especificidade da análise que tal referência encontra a sua localização. Tanto no que concerne ao anexo 3 "*Não que eu tenha o hábito de tomar cachaça*", como no que concerne aos anexos 4 "*eu não sou de tá roubando de vocês*" e 5 "*Não me envolvo com brigas, com problemas, né? [...] Não sou de... [...]*", as tentativas de denegação que aí aparecem não apresentam coerência referencial e adequação espaço-temporal, tal como acontece nas denegações estabelecidas pelo neurótico.

Essa "ausência" de coerência referencial e adequação espaço-temporal nos diz de um desenfreamento do significante, efeito esse de uma alteração específica da utilização do signo lingüístico - desarticulação do signo. Parece existir uma "aleatoriedade" da elaboração e utilização do signo pelos psicóticos. Em outros termos, o deslizamento do significante, no psicótico, é "errante", não encontra a barra da interdição. Para a Psicanálise, tal situação deve-se a uma falha no processo de estabelecimento de um dos três tempos do recalçamento, onde algum significante primordial foi recusado e, como tal, a metáfora paterna²⁵ não pode se estabelecer.

²⁵ As questões que concernem a especificidade do estabelecimento da metáfora paterna são objeto de investigação de nossa pesquisa atual *A constituição da subjetividade: a metáfora no discurso do neurótico e do psicótico*. (SCHÄFFER, 1998/99)

6. Demarcando algumas posições concernentes às análises realizadas.

6.1 - Neuroses

No que diz respeito à análise do fenômeno da negação nas neuroses, podemos apontar, até o momento, os seguintes fatos.

- A perspectiva Lingüística que pode dar conta da análise do discurso neurótico não pode ser a mesma que dá conta da análise do discurso psicótico. Na análise do corpus da neurose, é a teoria ducrotiana e sua ampliação, que apresenta bases sólidas para a discussão do fenômeno da denegação. A pertinência da teoria Lingüística para analisar o corpus vem confirmar, uma de nossas hipóteses, que afirma que a negação é uma marca enunciativa que tem base comum na Psicanálise e na Lingüística.
- Foi possível diferenciar - através do modelo por nós elaborado (cf. item 4) - a denegação das demais formas de negação na linguagem. Essa diferenciação introduz uma novidade que gera interesses para a compreensão do trabalho clínico, para a teoria metapsicológica e para Lingüística, pois não existe, nessas áreas, um modelo formal que permita fazer tal análise.
- A diferenciação acima referida baseia-se na interpretação feita da teoria polifônica de Ducrot. Assim, a **negação admite uma multiplicidade polifônica** na qual o locutor "faz ouvir" subjacente à negação (polêmica), uma perspectiva atribuída a um enunciador. Ao contrário, na denegação, é colocado em cena um enunciador que "antecipa" o ponto de vista denegado, concomitantemente, à afirmação subjacente. Com base nessa interpretação, propusemos que toda denegação é uma negação polêmica, mas a recíproca não é verdadeira. Essa diferença percebida entre negação e denegação deve ser remetida à instância enunciativa que define se está em jogo, ou não, o processo de antecipação.
- Outro dado interessante diz respeito, levando-se em consideração o contexto das entrevistas como um todo, ao **aparecimento de outras denegações, ou tentativas de denegação em um mesmo caso clínico; essas outras assumem sentido**

a partir de uma denegação central, que pode ser identificada formalmente. Observou-se que, em nenhum caso de neurose, não existe duas denegações sobre temas diferentes, o que nos leva a afirmar a existência de somente uma denegação.

- As análises feitas até o momento nos indicam novas direções para entendermos um pouco melhor as neuroses; indicam ainda a sustentação de outra hipótese nossa, qual seja: que o efeito de sentido propiciado pela presença da negação no discurso aponta para a divisão do sujeito, sendo que isso foi verificado através do funcionamento da denegação no discurso do neurótico.

6.2. Psicoses

No que diz respeito à análise do fenômeno da negação nas psicoses, podemos apontar, até o momento, os seguintes fatos.

- Verificou-se na literatura freudo-lacianiana, que o psicótico faz uma interpretação delirante (metáfora delirante) da realidade, ou seja: se na neurose, no fenômeno da denegação, a negação incide sobre um fragmento de realidade, na psicose forma-se uma percepção delirante, onde o que é negado é o sujeito enquanto alguém pensando determinado conteúdo de pensamento. A interpretação delirante surgida daí dá a imagem de um signo lingüístico desarticulado, no qual o sujeito é o único referente e os signos funcionam por si mesmos, não mais em relação uns com os outros. A pergunta que deriva dessa análise é endereçada à Lingüística: qual seria o estatuto de "signo" pertinente ao discurso psicótico?
- As conclusões derivadas da questão anterior, vão na direção da **subversão da arbitrariedade do signo lingüístico e da rede de valores do sistema lingüístico na articulação paradigma/sintagma pelo psicótico**. Em termos saussurianos, trata-se de "colar o significante à coisa". Assim, a fala do psicótico, apesar de obedecer (não em todos os casos) as regras básicas da sintaxe, opera um deslocamento ao nível do

paradigma/sintagma. É a constituição do signo que se encontra aí alterada, o que nos levou a analisar a língua na fala do psicótico diferentemente das interpretações clássicas da Linguística. A questão colocada a partir dessa análise nos leva a indagar como opera a negação nessa língua. Observe-se, entretanto, que não se trata de outra língua, mas sim de uma estruturação diferencial dessa.

- Tentando responder a questão anteriormente colocada, verificou-se que no lugar da negação como denegação, o psicótico recusa reconhecer uma realidade desagradável; isso parece dever-se, segundo a Psicanálise, a uma não simbolização adequada do real. Em termos lingüísticos, o "não" colocado na forma (~p), encontra-se "colado à coisa", falha esta perceptível na articulação paradigma/sintagma.
- Verificamos também que a noção de língua que está presente na enunciação do psicótico é diferente - estruturalmente falando - daquela mobilizada na neurose. Assinale-se a seguinte questão: **é diferente, mas trata-se da mesma língua.** Tal situação produz uma paradoxalidade do discurso psicótico pois, por um lado, ele promete sentidos, mas, por outro lado, só tem a oferecer o "não-sentido"²⁴. Os efeitos/resultantes de tal fenômeno parecem ser dois: a ausência de antecipação - existente no discurso neurótico - com efeito enunciativo de uma monofonia e tentativa de denegação, igualmente com ausência de antecipação.
- Enquanto que nas denegações estabelecidas pelo neurótico o "eu" está implicado, na psicose, o "eu" está tentando ser implicado. É também por esse fato que falamos em tentativas de denegação.
- **A negação presente no discurso do psicótico parece estar destituída de sua função ordenadora de significantes** - há aí uma falha estrutural, o que produz uma diferenciação no funcionamento da negação, se comparado ao das neuroses. Lingüisticamente, analisamos esse efeito como um produto da falha paradigma/sintagma, identificada ao nível da relação simbólica do signo lingüístico, tal como já nos referimos

²⁴ Não podemos afirmar categoricamente que não há estabelecimento de um sentido. O que podemos dizer é que tal construção de sentido é diferente do padrão lingüístico usual.

acima. Essa novidade, em termos lingüísticos, vai ao encontro das interpretações psicanalíticas, quando essas dizem que algo de primordial não se estabeleceu no psicótico. Isso pode ser entendido como ausência de um significante primordial, ou seja: falha do operador de recalçamento, responsável pelo aparecimento do não da denegação.

- Verifica-se, pois, a ausência e/ou tentativa de denegação nas psicoses, já que o recalque é a condição de seu aparecimento e este falhou. A esse fenômeno, a Psicanálise laciana chama de forclusão - forclusão de algum significante primordial, responsável este pela "amarragem" dos significantes. Lingüisticamente falando, parece haver uma subversão da função semiótica; uma falha que impede de pensar o signo em uma dimensão referencial ou arbitrária.

Cabe assinalar, por fim, que as indicações feitas nas demarcações acima são bastante promissoras e estão a apontar um aprofundamento a ser feito em pesquisas posteriores. Exemplificando: a percepção delirante que o psicótico faz da realidade tem nas suas origens o fenômeno da forclusão de algum significante primordial; a forclusão da metáfora paterna. Como poderíamos explicar, em termos lingüísticos, tal fenômeno metafórico? Na literatura psicanalítica, por exemplo, encontramos alguns autores que dizem que o psicótico não metaforiza. Já outros autores afirmam que existe o processo de metaforização, mas que é de um modo estruturalmente diferente que este acontece - é a existência do que Calligaris (1989), por exemplo, chama de "metáfora delirante". O entendimento sobre esse processo metafórico viria a lançar "luzes" sobre o processo de forclusão de significantes, bem como sobre o processo *sui generis* chamado de "metáfora delirante".

As análises feitas até o momento abriram caminhos para a continuidade de nossas pesquisas na direção acima apontada. É o que estamos já pesquisando, principalmente porque as resultantes obtidas por nós apresentaram muitas repercussões positivas. As reflexões que seguem dizem respeito justamente a estas resultantes.

7. Continuação dos diálogos transdisciplinares

No que diz respeito à teoria psicanalítica e à prática clínica, podemos dizer que os estudos e os resultados dessa pesquisa introduziram uma visão diferenciada sobre a denegação na discussão metapsicológica, o que contribui, guardadas as especificidades da clínica, para uma maior compreensão do trabalho clínico.

No que concerne ao que se convencionou chamar de "achado clínico" podemos apontar que a denegação organiza o sentido da entrevista com o neurótico. É possível identificar o conflito emergente, no início da análise, por meio da articulação que nos é fornecida entre o conteúdo negado e seus desdobramentos na entrevista. Nesse sentido, é importante a diferenciação introduzida pela pesquisa, em relação às outras formas de negação.

O "achado clínico" nos discursos psicóticos diz respeito à existência de tentativas de denegação. Mesmo que essas denegações sejam "impotentes" na sua efetivação, elas constituem tentativas de subjetivação, articuladas às metáforas delirantes. São tentativas de simbolização, de amarramento de significantes que o psicótico tenta estabelecer.

Já no que diz respeito às contribuições à teoria linguística, os resultados de nossa pesquisa apontam para uma rediscussão e ampliação desse campo teórico; indicam também para a sua insuficiência em tratar as questões de linguagem que envolvam estudos sobre subjetividade. Essa rediscussão e ampliação vai na mesma direção de outros estudos que já estão sendo realizados, tais como os de Authier-Revuz, na França; mesmo que estes não sejam feitos no campo das patologias, eles acenam também para tal rediscussão e ampliação. Finalmente, os mesmos resultados possibilitaram a consideração de uma nova análise semântica da linguagem.

Referências Bibliográficas

- ANDRÉS, M. Négation. In: KAUFMANN, Pierre. *L'apport freudien: Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*. - Paris: Éditions Bordas, 1993.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. - Paris: Larousse, 1995.
- BALAT, Michel. Notes sur la dénégation chez Freud. In: *Revista de semiótica e comunicação*: São Paulo; Vol. 2 N.2; julho/dezembro de 1989.
- BECKOUCHE, Fanny et alii. La Forclusion - Die Verwerfung. In: *Le discours psychanalytique: Des Folies - Questions récentes sur les psychoses*. - Paris: Dépôt légal, n. 566, 1984.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- BOUQUET, Simon. "Benveniste et l'énigme du sens: de l'instance de discours et la théorie du signe". In: NORMAND, Claudine & ARRIVÉ, Michel (Org.). *Emile Benveniste vingt ans après*. Université Paris X - Nanterre. Centre de recherches Linguistiques, 1997.
- BOUQUET, Simon. *Introduction à la Lecture de Saussure*. Paris, Payot, 1997.
- CALLEBAUT, B. *Langue Française: Les négations*. - Paris: Larousse, 1992.
- CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CASTRO, Eliana de Moura. *Psicanálise e Linguagem*. - São Paulo: Ática, 1986.
- CHEMAMA, Roland. Sobre a interpretação ou a prova pelo significante. Tradução de Francisco Settineri. - Porto Alegre, s/d (texto xerocado).
- CZERMAK, Marcel. *Paixões do objeto: estudo psicanalítico das psicoses*. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DOR, Joël L. *Introdução à Leitura de Lacan: O Inconsciente Estruturado como Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- DOR, Joël. *A cientificidade da Psicanálise: Tomo I: A alienação da Psicanálise*. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- DUCROT, Oswald. Linguagem, metalinguagem e performativos (1981). In: *O Dizer e o Dito* (cap VI). Campinas SP: Pontes, 1987. - p 109-138.
- _____. *Polifonia y Argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- cap. II, p 31 a 48
- cap. II, conferência: Teoria de la argumentación
- _____. *Les Mots du Discours*. - Paris: Minuit, 1980 -p: 12-13
- _____. Argumentação e "topoi" argumentativos.. In: *História e Sentido na Linguagem*, de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. "O Referente". In: *Enciclopédia Einaudi: Linguagem e enunciação*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- _____. *Dire et ne pas dire*. - Paris: Hermann, 1972.
- _____. *La preuve et le dire*. - Paris: Repères.Mame, 1973.
- _____. *Les mots du discours*. - Paris: Minuit, 1980.
- _____. *Le dire et le dit*. - Paris: Minuit, 1984.
- DUCROT, Oswald e BARBAULT, M. C. O papel da negação na linguagem comum. In: *Provar e dizer : Leis lógicas e leis argumentativas*.- São Paulo: Parma, 1981.
- _____. Dizível e Indizível. In: *Enciclopédia Einaudi: Vol. 2: Linguagem-Enunciação*. - Porto: Casa da Moeda, 1984.
- FLORES, Valdir. *Linguística e Psicanálise: Princípios de uma semântica da enunciação*. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- FREGE, Gottlob. *Lógica, e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, USP, Cultrix,1978.
- FREUD, Sigmund. Mais além do princípio do prazer (texto de 1920). In: *Obras Completas* - Vol. XVIII.- Buenos Aires : Amorrortu, 1993.
- _____. La negación (texto de 1925). In: *Obras Completas* - Vol. 19. - Buenos Aires : Amorrortu, 1989.
- _____. Neurose e Psicose (texto de 1923-4). In: *Obras Completas* - Vol. 19. - Buenos Aires : Amorrortu, 1993.
- _____. A perda da realidade na neurose e na psicose (texto de 1924). In: *Obras Completas* - Vol. 19.- Buenos Aires : Amorrortu, 1993.
- _____. O mal-estar na cultura (texto de 1930). In: *Obras Completas*. - Buenos Aires, 1993.
- GIL, Fernando. *Mimésis e Negação*.- Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- GREEN, André. *Le travail du négatif*. - Paris : Les Éditions de minuit, 1993.
- HYPOLITE, Jean. Commentaire parlé sur la *Verneinung* de Freud. In: *La Psychanalyse*, Vol. 1, Por Jacques Lacan (Dir.).- Paris : Presses Universitaires de France, 1956.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos excluídos e outras vozes*. - Campinas : Unicamp, tese de Doutorado, 1992.
- JALLEY, Emile. Doute Cartésien et Délire des Négations. In: *Delire des négations: reprises 1992*. Actes du colloque. -Paris : A .R.P.C., 1993, p. 87-95).
- KANT, I. *Essai pour introduire le concept de grandeur négative*. - Paris : Vrin, 1980.
- KATZ, Jerrold. "O escopo da semântica". In: DASCAL, Marcelo. *Fundamentos Metodológicos da Linguística - Semântica*. Edição financiada pelo organizador. Campinas, SP: 1982.
- KAUFMANN, Pierre (org). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- LACAN, Jacques. *De una cuestión a todo tratamiento posible de la psicosis*. In: *Escritos 1*.- Argentina: Siglo Veintiuno editores, 1990.
- LACAN, Jacques. Introduction au commentaire parlé de Jean Hyppolyte sur la *Verneinung*. In: *La Psychanalyse*, Vol. 1 - Jacques Lacan (Dir.): consacré au thème spécial de l'usage de la parole et des structures de langage dans la conduite et dans le champ de la Psychanalyse. - Paris : Presses Universitaires de France, 1956.
- _____. Réponse au commentaire de Jean Hyppolyte sur la *Verneinung* de Freud. In: *La psychanalyse*, Vol. 1. - Paris : Presses Universitaires de France, 1956.
- _____. *Escritos 2*. - Espana : Siglo Veintiuno, 1987.
- _____. *O seminário - Livro 3: As psicosis* (1955-56). - Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- _____. *Escritos 1*. - Espana : Siglo Veintiuno, 1990.

- LECLAIRE, Serge. Em busca dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. In: *Psicose: uma leitura psicanalítica*, 1988 (Texto sem referência completa).
- _____. As palavras do psicótico. In: *Colóquio internacional sobre a problemática da psicose*. - Montreal, 5-8 de novembro de 1969.
- _____. *Démasquer le réel: un essai sur l'objet en psychanalyse*. - Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- MANNONI, O. *Chaves para o imaginário*. - Petrópolis: Vozes, 1973.
- MELMAN, Charles. *Estrutura lacaniana das psicoses*. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MEYER, Michel. *Lógica, Linguagem e Argumentação*. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.
- MISSENARD, A (Org.). *Le Négatif: figures et modalités*. - Paris: Ed. Dunod, 1989.
- NOVAES, Mariluci. *Os dizeres nas esquizofrenias*. - São Paulo: Escuta, 1996. - (Plethos).
- PENOT, Bernard. *Figuras de recusa*. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- RUSSEL, Bertrand. "Sobre el denotar". In: SIMPSON, Thomas Moro (Org.). *Semântica Filosófica: problemas y discusiones*. Siglo XXI Argentina Editores S.A.: Buenos Aires, 1973.
- _____. "A filosofia do atomismo lógico". São Paulo, Abril, 1975. (Col. Os Pensadores)
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Cultrix, São Paulo, 1975.
- SCHÄFFER, Margareth. *O estatuto da negação no discurso do professor*. - Porto Alegre: UFRGS, 1995 (Tese de Doutorado).
- _____. et alli. *O processo de construção da subjetividade: marcas lingüísticas no discurso do neurótico e do psicótico* - Relatório técnico de pesquisa. - Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- _____. et alli. *O processo de constituição da subjetividade: a metáfora nas neuroses e psicoses* - Pesquisa em andamento. - Porto Alegre: UFRGS, 1998/99.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.